

Fundo discute controle de capitais

Tema desperta polêmica entre os especialistas que participaram das reuniões de ontem da instituição

FABIO PAHIM JR.

Enviado especial

WASHINGTON – A política de controles sobre o câmbio, aplicada, em parte, pelo Brasil, foi justificada em seminário sobre a liberalização de capital, realizado ontem, em Washington. “O Fundo Monetário Internacional deve indicar aos seus membros que façam controles de capital de curto prazo, com regulações adequadas”, disse o professor Barry Eichengreen.

A liberalização é defendida pelo FMI, mas, quando um país está com os fundamentos econômicos errados – déficits muito elevados, por exemplo – “há o risco de situações de pânico”, afirmou o professor J. Bhagwati, da Índia. Até no Japão, que tem mais de US\$ 200 bilhões em reservas cambiais, “haveria o risco de situações de pânico”, afirmou Bhagwati.

O debate ocorreu num momento em que a liberdade de atuação nos mercados financeiro e de capitais chega ao seu auge, um dia depois que o chairman do Federal Reserve, Alan Greenspan, justificou a operação de salvamento do Long-Term Capital Management, em que os bancos privados entraram com recursos de US\$ 3,6 bilhões para evitar a quebra do fundo.

O controle de capitais desperta polêmicas. O crescimento nos movimentos de capital foi explosivo. Os fluxos líquidos de capital em direção aos países emergentes passaram de US\$ 50 bilhões por ano, entre 1987 e 1989, para US\$ 150 bilhões, nos três anos seguintes.

Entre 1993 e 1996, esses valores subiram para US\$ 550 bilhões, se-



Michael Mussa, conselheiro do FMI: liberalização de capitais com prudência

HÁ RISCO DE COMPETIÇÃO ENTRE REGULADORES

gundo o FMI. Este é o pano de fundo do debate sobre a fuga de capitais.

Eichengreen é a favor da liberalização, mas, com cuidado. “A mobilidade é inevitável”, declarou. O risco de prejuízos deve ser

evitado com normas cuidadosas, mais fortes nos países emergentes. Segundo Bhagwati, porém, “liberalização total é coisa de louco”.

Outro debatedor, Ricardo Hausmann, economista-chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento,

observou que a abertura sem controle foi “uma espécie de terra prometida”. Hausmann acredita que, na situação atual, era como se os navios estivessem no mar e não mais houvesse um porto onde parar. Uma boa indicação é a diferença (spread) que existe entre os títulos emitidos por países emergentes e os papéis do Tesouro norte-americano.

Um dos grandes problemas da liberalização está nos bancos, submetidos a legislações diversas, embora estejam num mesmo país. Bancos nacionais e bancos internacionais podem assumir comportamento diferente. “Há o risco de competição entre os reguladores”, observou.